

GUIMARÃES ROSA
LEITOR DE EUCLIDES DA CUNHA¹

Willi Bolle²

This paper questions how Guimarães Rosa would have read Euclides da Cunha's *Os sertões*, based on reading marks found in the copy he kept in his personal library. Such marks could provide suitable evidence for the hypothesis of *Grande sertão: veredas* being an "active forgetful" re-writing of Euclides' work. The reading marks in Rosas copy of *Os sertões* receive a diplomatic transcription in Appendix, in order to enable other researchers to produce their own hypothesis.

A hipótese deste trabalho consiste em considerar o romance *Grande sertão: veredas* (1956) como uma reescrita³ de *Os sertões* (1902), o outro retrato do Brasil feito a partir da região central do País, a outra obra incomensurável da literatura brasileira no século XX, onde também muita coisa ainda resta a decifrar. Num capítulo intitulado "Guimarães Rosa, autor d'*Os sertões*", que faz parte de um ensaio publicado em 1995, esbocei alguns argumentos a favor dessa tese.⁴ Por meio de uma imagem de pensamento de Walter Benjamin procurei elucidar a *raison d'État* do escritor Guimarães Rosa: para ele poder realizar seu projeto *Grande sertão: veredas*, tinha de refazer minuciosamente o caminho de quem o precedeu.⁵

Re-andar pela estrada-texto aberta por Euclides da Cunha com *Os sertões* e reescrever o texto implicava trabalhar com alguns pressupostos que, à luz de contribuições teóricas mais recentes, poderiam ser assim formulados:

1) De um modo mais geral, a concorrência entre o gênero científico e o ficcional quanto à representação da História, envolvendo considerações sobre os objetivos e a capacidade específica do gênero romance. Trata-se de uma questão bastante complexa, detalhadamente discutida, entre outros, pelo historiador das ciências Wolf Lepenies, o teórico da literatura Eberhard Lämmert e o também teórico e autor de um estudo euclidiano inovador, Luiz Costa Lima.⁶

2) A diferença específica do romance de Guimarães Rosa com relação à historiografia, analisada pela crítica sob diversos ângulos: seja como opção radical pela "liberdade de inventar" (Antonio Candido, 1958);⁷ seja como "dissimulação da História, para melhor desvendá-la" (Walnice Galvão, 1972);⁸ ou ainda como despreendimento da história empírica em prol da

Urgeschichte, história primordial ou tempo-espaço arcaico entre mito e história.⁹

3) Uma diferença de “tom”, um distanciamento da dicção grandiloquente de *Os sertões*. O *Grande sertão* enquanto epopéia da jagunçagem é uma imitação e uma paródia da obra anterior; já as *Veredas*, enquanto micro-história do cotidiano sertanejo, são seu contraponto – outro tom, outra concepção de história.

A hipótese que acaba de ser esboçada – *Grande sertão: veredas* como reescrita d’*Os sertões* – mereceria ser levada mais avante. No momento, porém, parece-me mais urgente examinar uma questão prévia: Como é que Guimarães Rosa efetivamente *leu Os sertões*? Examinemos filologicamente a questão.

Num estudo sobre as leituras de Guimarães Rosa, realizado nos anos 70 na biblioteca do escritor, só encontramos menção a que *Os sertões* constava da lista dos livros considerados pelo romancista os melhores da literatura brasileira.¹⁰ Não há informação sobre se existem eventuais anotações de Rosa no seu exemplar d’*Os sertões*. Resolvi, então, consultar esse exemplar, pertencente à biblioteca de Guimarães Rosa, que foi integrada ao acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo,¹¹ e verifiquei que lá existem cerca de 60 anotações ou marcas de leitura.

Para que o leitor possa acompanhar melhor o comentário seguinte e também para que as referidas marcas de leitura sejam disponíveis desde já para um público maior de pesquisadores, dos quais provavelmente nem todos tenham a oportunidade de consultar os originais *in loco*, elas são reproduzidas aqui em anexo. Contei ao todo 59 marcas de leitura. Trata-se essencialmente de palavras sublinhadas ou de passagens marcadas por meio de sinais à margem. Anotações propriamente ditas, isto é, palavras escritas à margem, existem poucas; há apenas quatro ocorrências.¹²

Um problema específico nas transcrições é o tipo de anotação do *contexto* das marcas de leitura de Guimarães Rosa em seu exemplar d’*Os sertões*. Várias vezes, o caráter aproximativo dos sinais à margem torna impossível delimitar com exatidão o início e o fim da passagem em questão. Até que ponto o campo textual em volta das palavras marcadas deve ser incluído ou excluído? Para não deixar lacunas de compreensão,

optei por sempre transcrever a(s) frase(s) por inteiro, acrescentando, quando necessário, algumas breves informações contextuais. Seria interessante investigar em que medida as marcas de leitura de Rosa constituem “estímulos estilísticos” e o campo verbal em volta delas, um “contexto estilístico”, tal como foi definido por Michael Riffaterre.¹³ Com isso, estaríamos passando, ou voltando, das questões técnicas de edição para o terreno da interpretação.

A questão-guia para a presente investigação é esta: Como se configurou, no processo de criação de Guimarães Rosa, o caminho das marcas de leitura registradas em seu texto d’*Os sertões* até a “reescrita” do livro precursor sob a forma do romance *Grande sertão: veredas*? Será que existem ou ainda podem ser encontrados dados textuais que permitam reconstituir, com os métodos da crítica genética, esse elo que falta? Na verdade, trata-se menos de “influências” empíricas do que de afinidade eletiva, considerando-se essa como unidade constitutiva da história literária.

Ao que me consta, nos estudos de crítica genética realizados até o presente momento, informações sobre a “influência” ou a “utilização” de Euclides da Cunha no romance de Guimarães Rosa são praticamente inexistentes. O estudo mais detalhado sobre a gênese da obra-prima rosiana investigou os diversos rascunhos, o “tiposcrito” original e as provas editoriais do romance.¹⁴ Na análise desses prototextos, que nos permitem ter uma idéia de *Grande sertão: veredas* como oficina de escrita, não se encontra, no entanto, nenhuma informação sobre anotações de Guimarães Rosa no seu exemplar d’*Os sertões* ou outro tipo de diálogo com a obra de Euclides. Na falta de dados que permitam reconstituir empiricamente o elo entre a leitura rosiana d’*Os sertões* e sua hipotética re-escrita na forma de *Grande sertão: veredas*, tem de se recorrer a um tipo de comentário das marcas de leitura que proponha uma hipótese sobre a construção do romance. Metodologicamente falando, pode-se pensar em três caminhos.

Uma primeira aproximação consistiria em observar o caráter geral da leitura realizada por Guimarães Rosa e defini-la de uma maneira holística. Seriam levados em conta também a “topografia” e a distribuição das marcas de leitura no

texto d' *Os sertões*, cuja divisão em três partes (a Terra, o Homem, a Luta) pode eventualmente ter tido alguma influência na composição do romance. Na primeira parte d' *Os sertões*, Rosa, com três ou quatro citações, recorta um quadro da natureza: a bacia do Rio São Francisco, "o grande caminho da civilização brasileira", com o Rio das Velhas, a Serra do Cabral e a "paragem formosíssima dos gerais". Montado esse quadro, ele focaliza, na segunda parte, com outras três ou quatro citações, o perfil econômico, social e político da região: o líder Antonio Conselheiro, pertencendo a uma "família, vivendo de vaqueirice", e a massa dos vaqueiros, vivendo num estado de "servidão inconsciente". O esboço é completado por um quadro etnográfico mostrando que o sertanejo, em função do seu árduo trabalho cotidiano, está a todo momento pronto para a luta, um guerreiro nato – em que pesa, porém, o atraso tecnológico de seu armamento. Quanto à terceira parte, a mais volumosa (cerca de 400 páginas de um total de 600) e a mais dramática, chama a atenção o fato de que há uma média estatística menor de marcas de leitura. Em suma, trata-se de uma leitura parcimoniosa e "sóbria" d' *Os sertões*. Marcando em média apenas uma palavra ou pouco mais a cada dez páginas, Rosa conseguiu, assim mesmo, evocar o espírito do grande livro precursor. Recortou pouco e recortou exato.

Uma segunda opção seria o estudo analítico das correspondências textuais entre *Os sertões* e *Grande sertão: veredas*, ou seja, uma pesquisa que associe cada marca de leitura no livro de Euclides, na medida do possível, a uma determinada passagem do texto de Rosa. A hipótese de trabalho, no caso, é que os "estímulos de leitura" – na nomenclatura de estilística estrutural¹⁵ – se traduziram em elementos de construção do romance. Vejamos duas ou três amostras desse tipo de correspondências. Na segunda parte d' *Os sertões*, Rosa sublinha um detalhe da indumentária do sertanejo (marca nº 10):

Apenas, de longe em longe, nas raras *encamisadas*, em que aos descantes da viola o matuto deslembra as horas fatigadas, \\\ surge uma novidade - um collete vistoso de pelle de gato do matto ou de sussuarana, com o pello mosqueado virado para

fóra, ou uma bromelia rubra e álaçre fincada no chapéo de couro. \ \

[Grifo e marcas de G. Rosa + anotação à margem: “?(êrro)”]¹⁶

Deixemos aqui de lado a questão das correspondências do texto euclidiano com o estudo de Rosa sobre a cultura de vaqueiro, “Pé-duro, chapéu-de-couro” (1952),¹⁷ que mereceria um trabalho à parte, e focalizemos o *Grande sertão: veredas*. Na passagem em que o bando de jagunços, sob a chefia de Zé Bebelo, se defronta com os habitantes mais retrógrados e miseráveis do sertão, os “catrumanos”, surge um eco da palavra acima sublinhada:

[...] eram só molambos de miséria, quase que não possuíam o respeito de roupas de vestir. Um, aos menos trapos: nem bem só o esporte de uma tanga esfarrapada e, em lugar de camisa, a ver a espécie de *colête, de couro de jaguacacaca*. (GSV, p. 290, grifo meu)¹⁸

Outro exemplo de correspondência textual encontra-se no fim de um quadro etnográfico da população de Canudos, quando Rosa se detém na descrição das armas (marcas nº 28 e 29):

Por fim as armas - a mesma reviviscencia de estadios remotos: o facão *jacaré* [...]; a *parnahyba* dos cangaceiros [...]; o ferrão ou *guiada* [...], reproduzindo os piques antigos; \ \ os cacetes ocós e cheios pela metade de chumbo, [...], \ \ as béstas e as espingardas. Entre estas ultimas, gradações completas, desde a de cano fino, carregada com escumilha, até à “legitima de Braga”, cevada com chumbo grosso, ao trabuco brutal ao modo de uma colubrina portatil, capaz de arremessar calhaos e pontas de chifre, \ \ à lazzarina ligeira, ou ao bacamarte de bocca de sino \ \.

[Grifos e marcas de G. Rosa]

Boa parte dos nomes desse arsenal, característico de culturas atrasadas, foi aproveitada pelo romancista em sua descrição do armamento dos catrumanos:

[...] no alto da virada – uns homens. Esses estavam com espingardas. [...] Todos estavam com alguma garantia: que eram *lazarinas*, bocudas baludas, garruchas e *bacamartes*, escopetas e *trabução – peças de armas de outras idades*. (GSV, p. 289 s. ; grifos meus)

Eis mais um exemplo de correspondência, desta vez de tipo não lexical, mas situacional. A passagem realçada por Rosa encontra-se na parte “Últimos dias”, capítulo “Os prisioneiros”. As marcas de leitura nº 48, 49 e 50 focalizam um dos prisioneiros: sua fisionomia, armamento, indumentária e, *en passant*, seu comportamento:

Forte, de estatura meã e entroncada [...] era, tudo o revelava, um lutador de primeira linha [...]. Pendia-lhe à cintura, oscillante, batendo abaixo do joelho, a bainha vasia de uma faca de arrasto. [...] > Entrou, jugulado como uma féra, na tenda do commandante da 1.^a columna. < [...] Tirou o lar-go chapéu de couro e, ingenuamente, fez menção de sentar-se.

> Era a suprema petulancia do bandido! <

> Brutalmente repellido, rolou aos tombos pela outra porta, escorjado sob punhos possantes.<

[Grifos de G. Rosa. Pela importância do contexto, acrescentei as frases marcadas com > <]

Com esse episódio faz par, a meu ver, no romance de Rosa, um momento do julgamento do caçador de jagunços Zé Bebelo, derrotado em batalha pelas tropas do chefe de jagunços Joca Ramiro:

Para diante de Joca Ramiro, no meio do eirado, tinham trazido um môcho, deixado botado lá; era um tamborete de tripés, o assento de couro. Zé

Bebelo, ligeiro, nêlo se sentou. – “Oxente!” – se dizia. [...] Zé Bebelo sentado simples e Joca Ramiro em pé [...]! Aquilo, sim, que sendo um atrevimento; caso não, o que, maluqueira só. [...] O que vendo, os outros se franziram, faiscando. Acho que iam matar, não podiam ser assim desfeiteados, não iam aturar aquela zombaria. (GSV, p. 197)

A influência do primeiro texto sobre o segundo não pode ser empiricamente comprovada, mas, quanto à postura de ambos os personagens-prisioneiros e à reação dos homens em volta, há entre as duas passagens um elevado grau de semelhança: a extrema ousadia do vencido, que abala a auto-estima dos vencedores.

Quando a crítica tiver estabelecido, dentro dessa linha de trabalho, todas as correspondências existentes entre as marcas de leitura de Rosa em seu exemplar d’*Os sertões* e o texto de *Grande sertão: veredas*, teremos um conhecimento muito mais exato do trabalho de criação do romancista. Contudo, embora esse tipo de investigação filológica comparada seja de grande interesse, ele não é aqui o meu objetivo principal.

Estou propondo um terceiro caminho: em vez de uma exegese exaustiva, uma a uma, de todas as 59 anotações feitas por Guimarães Rosa em seu exemplar de *Os sertões*, um comentário de apenas algumas anotações escolhidas, aquelas que me parecem as mais propícias, as mais estratégicas para testar a hipótese de *Grande sertão: veredas* como reescrita do livro precursor. Foi a atitude de sobriedade do próprio Guimarães Rosa diante do texto de Euclides que motivou esse *approach*. O caráter parcimonioso de suas anotações – menos de 60 marcas em 600 páginas, o que é ao mesmo tempo pouco e o suficiente¹⁹ – fez com que eu me limitasse a uma única questão, um único aspecto. Acho que *Grande sertão: veredas* pode ser considerado como um *oubli actif* de *Os sertões*. Quero dizer com isso que o autor do romance, para poder escrevê-lo, não só “esqueceu”, como tinha de esquecer ativamente o grande livro precursor. É o que tentarei mostrar através do comentário de alguns pontos bem calculados.

A operacionalidade do conceito de *oubli actif* foi demonstrada por Walter Moser, que cunhou o termo, num *workshop*

sobre “Reciclagens da memória”, em 1997.²⁰ Ele o desenvolveu a partir da “arte do esquecimento”, estudada por Umberto Eco.²¹ Como outro termo precursor do *oubli actif* pode ser considerado o conceito de *oubli positif*, usado por Paul Valéry nos seus *Cahiers*. Em suas pesquisas sobre a *ars inventiva*, o poeta – como explica Hans Robert Jauss – privilegiou a *ars oblivionalis* em detrimento da *ars memorativa*. Segundo esse crítico, o *oubli volontaire* ou a “metodologia do esquecimento” representaria um grande incentivo para o processo de criação artística.²² Além disso, é possível observar uma afinidade do *oubli actif* com o conceito de alegoria, tal como foi usado por Walter Benjamin: a alegoria entendida como um procedimento dialético de desvalorização (esquecimento) e valorização (rememoração). Assim, por exemplo, a alegorização cristã relegou ao esquecimento o *pantheon* dos antigos – mas, com isso mesmo, manteve aquelas imagens na memória, salvando-as. Do resgate e da redenção dos objetos relegados nasceu o conceito benjaminiano de “crítica salvadora”. De inspiração teológica, ela seria praticada por historiógrafos dispostos a reaprender seu ofício com aqueles que reutilizam aquilo que foi jogado fora: os trapeiros.²³

O conceito de *oubli actif*, aplicado ao nosso objeto de estudo, nos leva a conceber o romance de Rosa como contra-leitura, esquecimento parcial e desconstrução d’*Os sertões* e, ao mesmo tempo, como sua reconstituição, rememoração, e seu resgate. Concomitantemente poderia se ver *Grande sertão: veredas* como uma “alegoria”: seja etimologicamente falando, enquanto um discurso sobre o Brasil-Sertão através do “outro” discurso; anterior; seja no sentido benjaminiano, como “reutilização” do livro precursor.²⁴

Como é que o *oubli actif* torna-se operacional na leitura rosiana do livro de Euclides? O *oubli actif* é um deslembrar-se. “Deslembrar-se” é uma das palavras sublinhadas no exemplar rosiano d’*Os sertões* (marca de leitura nº 15). O contexto é formado por considerações sobre a principal atividade econômica da região – a criação do gado – e a cultura correlata, incluindo a mentalidade dos vaqueiros e o seu estatuto jurídico, aquilo que Euclides chama de “servidão inconsciente”. Como o autor expõe, os vaqueiros cuidam fielmente dos rebanhos que pertencem a fazendeiros que vivem no litoral.

Quando surge no logrador um animal desconhecido, uma vaca que dá cria, o vaqueiro ferra a esta com o mesmo sinal desconhecido e toma conta dos bezerros, separando de cada quatro um para a sua paga:

Succede muitas vezes ser decifrada, afinal, uma marca sómente depois de muitos annos, e o criador feliz receber, ao envez da peça unica que lhe fugira e da qual se deslembrara, numa ponta de gado, todos os productos della.

[Grifo de G. Rosa]

Olhando bem, o contexto da palavra “deslembra-se” – que Rosa parece ter marcado basicamente pela sua expressividade – não é somente econômico e jurídico, mas também metalingüístico.²⁵ O texto de Euclides (“Servidão inconsciente”) fala explicitamente no “abc” dos vaqueiros, na “arte em que são eméritos”, que é a arte de conhecer os *ferros*, sinais de todos os feitos, ou *letras*, desenhos, siglas. Não é por acaso que nessas três páginas (1/2% do texto total) se concentra o maior número dos registros rosianos de leitura: 7 de 59 (12% do total). Há uma afinidade eletiva entre as “marcas” que o vaqueiro “lê” e “escreve” nos animais e as marcas de leitura do escritor Guimarães Rosa em seu exemplar d’*Os sertões* nesse capítulo que é um pequeno tratado sobre a semiótica e a escrita do sertanejo. Não estaria aqui, talvez, uma das fontes de inspiração da figura de Riobaldo enquanto “jagunço-letrado”?²⁶ Em todo caso, há fortes razões para retermos a palavra “deslembra-se”, atribuindo-lhe a função de pensar a questão do *oubli actif* com termos do próprio Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas* como “deslembração” d’*Os sertões*, sendo que o “deslembra-se” designaria, nesse novo contexto, uma “metodologia do esquecimento” e um *gestus* de construção.

Como é que procedeu o romancista para *deslembra-se* do livro precursor? Sua atitude de leitura salta mais à vista na terceira parte, intitulada “a Luta”. Guimarães Rosa “esqueceu” a tragédia do povo de Canudos, o réquiem escrito pelo autor d’*Os sertões* num estilo comovente, sublime, acusador.²⁷ Diferentemente de Euclides, ele não se comove, não estabelece nenhuma relação de empatia com as vítimas da tragédia.²⁸ Como

recurso capital do *oubli actif* d'*Os sertões* por parte de Rosa configura-se um olhar impassível sobre os acontecimentos de alta temperatura política e moral.²⁹ Essa atitude se traduz de diversas formas.

1. Pesquisa impassível de palavras. Assim, por exemplo, no meio dos dramáticos acontecimentos narrados no capítulo "Fuzilaria" (Quarta expedição), quando o canhão Withworth 32 arrebenta o campanário da igreja de Canudos, Rosa registra impavidamente palavras, no caso, uma preposição (marca nº 39):

Mas, tirante este incidente, fôra perdida a jornada: quebrara-se uma peça do aparelho obturador do canhão fazendo-o emmudecer para sempre.
[Grifo de G. Rosa]

Como se vê por essa marca de leitura, no meio de um acontecimento decisivo da história do Brasil, Guimarães Rosa não tem nada melhor a fazer do que mariscar uma preposição. É uma aproximação extremamente *cool* do texto de *Os sertões*; distanciando-se do *pathos*, o romancista leitor "esfria" o texto precursor.

Note-se, nessa marca, o contágio semântico subliminar entre a preposição "tirante" e o título do capítulo, "Fuzilaria". A preposição, etimologicamente baseada num resíduo raro do participio presente do verbo latim *tirare*,³⁰ pode ter sido gerada pela idéia de "tiros" contida em "fuzilaria". Vejamos o seguinte arranjo de palavras:

Tirante este incidente, fôra perdida a *jornada*.
Jornada. *Nada*.
Nonada. *Tiros* que o senhor ouviu, foram de briga de homem não.

Entre a citação inicial e a final intercalei, como recurso heurístico, uma palavra de Guimarães Rosa fazendo eco à de Euclides. Estaria na referida passagem d'*Os sertões* a matriz geradora do início de *Grande sertão: veredas*? Admito que é um tipo de conjectura um tanto temerário. Mas a ausência de documentos empíricos detalhados sobre a gênese do romance

de Rosa é propícia para incentivar esse gênero de especulação. De fato, o romance, como informa Elizabeth Hazin (1991), já nasceu pronto, de forma monolítica. Podem se observar sucessivas melhorias pontuais, de rascunho em rascunho, de prova em prova, mas o essencial foi escrito de uma só vez, sem que seja possível identificar distintas etapas da gênese.

2. Contraposição do tempo sideral ao tempo histórico. A referência ao tempo arcaico dos astros e da astrologia produz uma espécie de congelamento dos eventos históricos. Vejamos o capítulo “Psicologia do soldado brasileiro”, que mostra a Expedição Moreira César em marcha para Canudos (marca nº 30):

O bello firmamento dos sertões arqueava-se sobre a terra – irisado – passando em transições suavíssimas do zenith azul à purpura deslumbrante do oriente.

[Grifo de G. Rosa]

Nessa passagem, o leitor Guimarães Rosa sublinha a presença de um outro tempo que o das ações militares. Com um toque lírico, é evocado o tempo impassível com o qual se rege o universo, numa distância máxima do tempo dos mortais. E, no entanto, é a “revolução” dos corpos celestes que lhes prescreve o ritmo de vida. Desde épocas imemoriais, o homem tem se norteado pelo tempo dos astros e das constelações, que lhe ensinaram a forma mais antiga de leitura: a do seu destino. “Absolutas estrelas!”, exclama Riobaldo na hora de evocar o pacto com o Diabo (GSV, p. 319) – pacto que o impulsionará a sair “por terras e guerras” (p. 316). Aqui também, a comparação de passagens entre os dois livros pode levar a imaginar um possível prototexto de *Grande sertão: veredas*...

3. Primazia dada aos objetos. Com sua atitude anti-*pathos*, Rosa escolhe no texto de Euclides as palavras mais leves, detalhes aparentemente insignificantes. O contexto da seguinte marca de leitura (nº 31) é ainda a expedição Moreira César, a investida dos soldados contra Canudos, no capítulo “Saque antes do triunfo”. Eles lutam dispersos dentro do labirinto das vielas, expugnando as casas:

A um canto os bogós transudantes, tumidos de
água crystallina e fresca.

[Grifo de G. Rosa + palavra anotada à margem:
"bogós"]

No meio de uma batalha de grande envergadura, acontecimento histórico decisivo, sobre o qual se fixaram os olhos da nação, a atenção de Guimarães Rosa se detém num objeto trivial: os bogós. Aparentemente irrelevante, esse objeto revelou-se repentinamente como sendo de importância estratégica: isca e armadilha para soldados famintos que queriam aproveitar a investida para fazer uma rápida refeição em Canudos – tendo às vezes, como assinala Euclides, como pospasto uma carga de chumbo. A partir do objeto ("bogós") que perdurou, perecível e no entanto mais durável que o ser humano, é possível reconstituir arqueologicamente o evento histórico.³¹

Tal reconstituição também é possível a partir de outra marca de leitura (nº 55), onde Euclides fornece um quadro da cultura material de Canudos em forma de um amontoado de ruínas, escombros e entulhos:

A soldadesca varejando as casas puzera fóra, às portas, entupindo os beccos em monturos, toda a ciscalhagem de trastes em pedaços, de envolta com a farragem de molambos inclassificáveis: pequenos bahús de cedro; bancos e giráos grosseiros; rêdes em fiapos; berços de cipó e balaies de taquara; jacás sem fundo; roupas de algodão, de cor indefinível; vasilhames amassados, de ferro; caqueiradas de pratos, e chicaras, e garrafas; oratorios de todos os feitios; \\bruacas de couro \\crú; alpercatas imprestáveis; candieiros amolgados, de azeite; canos estrondados, de trabucos; lascas de ferrões ou fueiros; caxerenguengues rombos...

[Grifo e marcas de G. Rosa]

O historiógrafo se revela aqui, no sentido benjaminiano, como um trapeiro ou catador de lixo.³²

4. Confronto da história humana com a história natural. Um dos recursos de Guimarães Rosa para manter um olhar distanciado sobre os eventos históricos consiste em justapor-lhes detalhes do comportamento dos animais. A seguinte passagem (marca nº 34) faz parte da Quarta Expedição, capítulo “Pelas estradas. Os feridos”, quando ocorre o refluxo dos soldados postos fora de combate, os quais, a caminho de Monte Santo, acampanham em estâncias desoladas:

Não raro, alguns bois – rebutalhos de manadas grandes tresmalhadas pelo alvoroço da guerra – ao lorigarem, de longe, a azafama que movimentava de novo a paragem a que se haviam aquerenciado, o rancho tranqüillo onde tinham sofrido a primeira *ferra*, para lá abalavam velozmente. Vinham urrando, numa alegria ruidosa e forte. Buscavam o vaqueiro amigo que os campeara outr’ora e iria, de novo, ao som das cantigas conhecidas ou ao toar tristonho do *aboiado*, leval-os às *soltas* predilectas, aos *logradouros* fartos e às aguadas frescas.

O *homo sapiens* é visto da perspectiva dos animais, que o procuram, pois haviam se “aquerenciado” a ele. Rosa registra uma forma de discurso indireto livre, uma espécie de “conversa de bois”, que procuram o homem como “amigo”, com “alegria” e boas expectativas. Segue, no texto de Euclides, uma montagem em choque em que os bois vão se deparando com o mais feroz dos animais.

Exemplo ainda mais marcante do confronto entre a história humana e a história da natureza é a passagem seguinte, em que os animais passam a ser protagonistas da História. O contexto continua sendo a Quarta Expedição, capítulo “Colaboradores prosaicos demais”. Conforme relata Euclides, o Marechal Carlos Machado de Bittencourt, Quartel-Mestre-General da Campanha, teve papel decisivo ao compreender que, para ganhar a guerra, era fundamental cuidar do apoio logístico. Comprava muares e passou a organizar comboios regulares de aprovisionamento de Monte Santo a Canudos. Ganhou a guerra, porque soube aliar a tecnologia moderna com as forças arcaicas da natureza:

Mil burros mansos valiam na emergencia por dez mil heroes.

[Grifo de G. Rosa]

O mais calumniado dos animaes ia assentar, dominadoramente, as patas entaloadas em cima de uma crise, e esmagal-a...

As passagens aqui escolhidas (marcas nº 37 e 38) pelo autor de "O burrinho pedrês" podem ser lidas como um decidido distanciamento de qualquer heroificação dos homens guerreiros.

O distanciamento de Rosa do *pathos* de Euclides não significa que ele tenha ficado insensível diante do massacre da população de Canudos. Vejamos, na parte "Nova fase da luta", depois de efetuado o cerco à cidade, esta cena do acampamento dos soldados (marca nº 43):

Na pharmacia militar, estudantes em férias forçadas riam ruidosamente e recitavam versos; e pelas paredes ralas de todas as choupanas ridentes, de folhagens pintalgadas de flores murchas de joazeiros, transudavam vozes e risos dos que lá dentro não tinham temores, que lhes agourentassem as horas ligeiras e tranquillias.

[Grifo de G. Rosa]

Com um máximo de discrição, o escritor expressa seu trabalho de luto, contrastando com a euforia dos vencedores. Por um lado, o riso dos estudantes em férias, coadjuvantes de uma força militar esmagadora e de uma maciça propaganda da mídia; por outro lado, à margem, a comunhão do observador com a natureza muda que oferece um réquiem aos sertanejos que estão sendo exterminados.

O ponto de chegada desta leitura de uma leitura é o conceito de história em Euclides da Cunha e Guimarães Rosa. Sobre isso nos instrui uma marca de leitura (nº 36) no relato da Quarta Expedição, no capítulo onde se traça um perfil do Marechal Bittencourt:

Quem delle se abeirasse, buscando alentos de uma intuição feliz ou um traço varonil, sulcando a

situação emocionante e grave, que até lá o arras-tava, topava, surpreso, a esterilidade de uns conceitos triviaes, longas frivolidades cruelmente en-fadonhas sobre paradas de tropas, interminaveis minucias sobre distribuição de generos e remon-tas de cavahadas – \\\ como sé este mundo todo fosse uma immensa Casa da Ordem, e a Historia uma variante da escripturação dos sargentos \\\.

[Grifo de G. Rosa]

A imagem sublinhada pelo romancista oferece uma visão que é uma abreviatura do mundo. A metáfora é de cunho barroco, assim como esta outra, citada por Walter Benjamin em seu li-vro sobre o drama barroco alemão:

Quem quisesse abrilhantar com palavras sensatas/
esses frágeis casebres/ onde a miséria orna todos
os cantos/ não contrariaria a boa forma/ nem ul-trapassaria a medida da verdade fundamentada/
se chamasse o mundo uma loja geral/ um posto
aduanheiro da morte/ onde o ser humano é a mer-cadoria corrente/ a morte, o comerciante maravi-lhoso/ Deus, o contabilista mais consciencioso/ e
a sepultura, a veste e a mercearia seladas.³³

Ambas as metáforas – o mundo como Casa da Ordem e o mun-do como loja geral – expressam uma concepção prosaica da História, onde a logística juntamente com a contabilidade e o espírito de lucro mantêm a máquina bélica a funcionar.³⁴ A at-mosfera reinante nesse mundo é o tédio.

“A História uma variante da escripturação dos sargentos”. Com essa marca, Guimarães Rosa leitor de Euclides da Cunha nos faz lembrar a origem da escrita. Inventada na Mesopotâmia, há cerca de 5.300 anos, ela serviu primordial-mente a necessidades de comércio e contabilidade. Seu uso em narrativas épicas foi posterior. Radicalizando um certo tipo de discurso não-heróico, contido em fragmentos do livro precur-sor *Os sertões*, o romance *Grande sertão: veredas* desenvolve uma historiografia em que as ações “românticas”, emocio-nantes ou “varonis” constituem apenas um dos planos. Nas

frestas dos relatos de batalha, entrevê-se como a roda-viva da História: a guerra como negócio, o ser humano como mercadoria, e um Deus “traíçoeiro”, fazendo o papel do contabilista mais consciencioso.

NOTAS

¹ Comunicação apresentada no IV Congresso da Brazilian Studies Association, Washington, D.C., em 13/11/1997.

² Professor de Literatura da USP e autor, entre outros, de *Fisiognomia da Metrópole Moderna*, São Paulo: Edusp, 1994.

³ Um texto fundador para a teoria da re-escrita é “Pierre Menard, autor del Quijote”, de Jorge Luis Borges (Ficciones, 1944), In: —, *Obras completas*, Buenos Aires: Emecé, 1989, v. 1, p. 444-450.

⁴ “Grande sertão: cidades”, *Revista USP*, v. 24, 1994/95, p. 81-93, especialmente 84-87.

⁵ Segundo o Professor Antonio Soares Amora, num curso dado sobre *Grande sertão: veredas*, na Freie Universität Berlin, no semestre de verão de 1966, existe uma declaração de Guimarães Rosa, referente ao período de elaboração do romance, em que o romancista diz “ter relido devidamente *Os sertões*”.

⁶ LEPENIES, Wolf. *As três culturas*, São Paulo: Edusp, 1996; LÄMMERT, Eberhard. “Geschichte ist ein Entwurf: Die neue Glaubwürdigkeit des Erzählens in der Geschichtsschreibung und im Roman”, *The German Quarterly*, v. 63, n. 1, p. 5-18, 1990; LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de ‘Os sertões’*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

⁷ CANDIDO, Antonio. “O sertão e o mundo”, *Diálogo*, n. 8, p. 5-18, 1958.

⁸ GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre a ambigüidade no Grande sertão: veredas*, São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 63.

⁹ BOLLE, W. “O pacto no Grande sertão - esoterismo ou lei fundadora?”, *Revista USP*, v. 36 1997/98, p. 27-44, especialmente 28 s.

¹⁰ SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa*, São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 141.

¹¹ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*, 19. ed. corrigida, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1946, 646 p. É de notar que o ano de publicação dessa edição é o mesmo do livro de estréia de Guimarães Rosa, *Sagarana*, depois do qual ele pôde voltar-se para novos projetos.

¹² As palavras anotadas à margem são estas: “gerais” (marca de leitura nº 3); “?(êrro)?” (10); “bogós” (31); “onda do luar”, “adjetivos” (42).

¹³ RIFFATERRE, M. *Essays de stylistique structurale*, Paris: Flammarion, 1971, capítulos 1 e 2 (“Critères pour l’analyse du style” e “Le contexte stylistique”).

¹⁴ HAZIN, Elizabeth. *No nada, o infinito: da gênese do Grande sertão: veredas*, São Paulo, FFLCH-USP, 1991, tese de doutorado inédita.

¹⁵ Cf. RIFFATERRE, *Essays de stylistique structurale*, cap. 1.

¹⁶ O comentário “?(êrro)” parece ser devido à contradição entre o pêlo “mosqueado”, isto é, salpicado de manchas, próprio da onça-pintada, e o pêlo avermelhado uniforme da suçuarana ou onça-parda.

¹⁷ In: ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970, p. 123-143.

¹⁸ "GSV" é a abreviatura aqui usada para João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, 5. ed., Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967. "Jaguacacaca", embora pareça fazer parte do paradigma "jaguar" (assim como a "suçuarana"), designa, segundo o *Novo dicionário Aurélio*, a lontra brasileira.

¹⁹ É o suficiente se consideramos essas marcas como "palavras-gestus", no sentido da teoria estética de Bertolt Brecht. Para esse autor, o *gestus* condensa a atitude ou postura de uma pessoa na relação com uma outra. Transferindo esse conceito para G. Rosa leitor de Euclides, as palavras-gestus lhe permitiram compreender e reter o essencial do texto em questão.

²⁰ MOSER, Walter. "Matériaux baroques: mémoires et amnésie", comunicação apresentada no XV Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, Universidade de Leiden, 16-22/08/1997.

²¹ Cf. ECO, U. "Ars oblivionalis", *Kos*, v. 30, p. 40-53, 1987; versão anterior, de 1966, sob o título "An *Ars Oblivionalis*? Forget it!", *PMLA*, v. 103, p. 254-261, 1988. Ver também WEINRICH, Harald. *Lethe. Kunst und Kritik des Vergessens*, Munique, 1997.

²² Cf. JAUSS, Hans Robert. "Die Kritik der Erinnerung in Valéry's *Cahiers*", In: HAVERKAMP, Anselm e LACHMANN, Renate. *Memoria: Vergessen und Erinnern*, Munique: Fink, 1993, p. 425-429.

²³ Cf. BOLLE, W. "L'historiographie figurative de Walter Benjamin", In: DIONNE, Claude; MARINIELLO, Silvestra e MOSER, Walter. *Recyclages: économies de l'appropriation culturelle*, Montréal: Balzac, 1996, p. 173-190.

²⁴ Além disso, poder-se-ia investigar o tipo de trabalho de "perspectiva" (cf. Erwin Panofsky) e de "perlaboração" (*Durcharbeitung*, cf. Sigmund Freud) pelo qual passou o livro de Euclides na oficina literária de Guimarães Rosa; tais questões, porém, ultrapassariam os limites deste ensaio.

²⁵ Foi talvez esse contexto metalingüístico que fez com que Rosa grifasse a palavra "deslembrar-se" somente aqui, na marca nº 15, quando já poderia tê-lo feito na marca nº 10, onde ela também aparece.

²⁶ O termo é de Walnice Galvão, *As formas do falso*, p. 77. No V Congresso da ABRALIC, no Rio de Janeiro, em julho de 1996, apresentei uma comunicação intitulada "O jagunço-letrado"; o texto ainda necessita de revisão para ser publicado.

²⁷ Cf. ZILLY, Berthold: "Um depoimento brasileiro para a História Universal. Traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha", *Humboldt*, v. 38, n. 72, p. 8-12, 1996.

²⁸ O único momento em que Rosa compartilha do *pathos* de Euclides encontra-se no capítulo "Últimos dias. A dinamite" (marcas nº 58 e 59): "A demais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade. Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça." [Grifos de G. Rosa] Essa passagem mereceria um comentário à parte.

²⁹ Nos anos 60, durante um congresso de escritores num país latino-americano, sentiu-se a ausência de G. Rosa, enquanto todo o mundo se abalava com a situação política explosiva. Quando lhe perguntaram pela causa do seu desaparecimento, ele explicou que estava relendo Proust.

³⁰ Agradeço esse esclarecimento à Professora Esmeralda Vailati Negrão.

³¹ Assinalemos que Guimarães Rosa usa as palavras "bogós" em *Grande sertão: veredas*, nos preparativos para a estratégica tentativa de travessia, a primeira e a segunda, do Liso do Sussuarão: "Os bogós de couro foram enchidos nas nascentes da lagoa, e enqueridos nas costas dos burrinhos." (GSV, p. 38);

"Aprofundar naquele *raso* perverso [...] mas sem preparativos nenhuns, nem cargueiros repletos de bom mantimento, nem bois tangidos para carneação, nem bogós de couro-crú derramando de cheios, nem tropa de jegues para carregar água." (GSV, p. 382 s.)

³² Cf. WOHLFAHRT, Irving. "Et Cetera? De l'historien comme chiffonnier", In: WISMANN, Heinz. (Org.) *Walter Benjamin et Paris*, Paris: Cerf, 1986, p. 559-609.

³³ Cristoph Männling ("Schaubühne des Todes" / "Palco da morte"), cit. por W. Benjamin, *Origem do drama barroco alemão*, In: BOLLE, W. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*, São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1986, p. 17.

³⁴ Compare-se a marca de leitura nº 32: "Em Minas, um quadrilheiro desempenado, João Brandão, destroçava escoltas e embrenhava-se no alto sertão do S. Francisco, tangendo cargueiros ajougados de espingardas" (grifo de G. Rosa) com as passagens referentes a esconderijos e transportes de munição, em *Grande sertão: veredas*.

[ANEXO]

AS MARCAS DE LEITURA DE G. ROSA
EM SEU EXEMPLAR D'OS SERTÕES

Forma de transcrição

Por razões técnicas, não foi possível apresentar aqui uma reprodução em fac-símile. Optou-se então por um tipo de transcrição diplomática. Inicialmente vem, em negrito e entre colchetes, o número de ordem das marcas, na sequência do texto, do número [1] ao [59]. Ao lado, também entre colchetes, o capítulo ou subcapítulo de *Os sertões*, onde a marca se localiza, com o número de página da edição indicado na nota 9 do nosso texto; exemplo: [*Servidão inconsciente*, p. 122]. Referências complementares necessárias para a compreensão da passagem marcada são acrescentadas em corpo menor dentro do colchete. Em seguida vêm as palavras ou passagens do texto marcado ou anotado por Rosa. Palavras sublinhadas por Rosa (cf. tipologia 1.1 e 1.2) aqui também são sublinhadas. Traços à margem (tipologia 2.1-2.5) são transformados em marcas de barra dupla \ \ , no início e no fim da passagem, assim como o próprio Rosa as empregou, embora somente num único caso (tipologia 1.3). No fim de cada entrada, há, entre colchetes e em corpo menor, uma breve descrição do tipo da marca.

Um problema específico, nessas transcrições, é o tipo de anotação do *contexto* das marcas de leitura de Guimarães Rosa em seu texto d'*Os sertões*. Muitas vezes, o caráter aproximativo dos sinais à margem torna impossível a delimitação exata do início e do fim da passagem em questão. Optamos por sempre transcrever a(s) frase(s) em questão por inteiro,

reproduzindo em corpo menor os trechos não explicitamente marcados.

Tipologia

1. Palavra(s) realçada(s)

1.1. sublinhadas com traço simples,

lápiz preto: nº 1, 2, 8, 10, 12, 15, 27, 31, 32, 33, 39,
41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55,
57 = 26 marcas;

lápiz vermelho: nº 6, 9, 11, 13, 16, 19, 20, 21,
25 = 9 marcas;

lápiz azul: nº 14, 23, 26 = 3 marcas;

lápiz verde: nº 7, 44 = 2 marcas;

tinta azul-preta: nº 28, 29, 30, 35, 36, 37, 39, 40, 56,
58, 59 = 11 marcas.

1.2. sublinhadas com traço duplo,

lápiz vermelho: nº 20 = 1 marca.

1.3. realçadas entre barras duplas \ \ ,

lápiz preto: nº 42 = 1 marca.

2. Sinais à margem, marcando uma passagem do texto

2.1. traço vertical simples,

lápiz preto: nº 1, 2, 3, 4, 5, 57 = 6 marcas;

lápiz vermelho: nº 6, 10, 11, 12, 16, 17 = 6 marcas;

lápiz verde: nº 7 = 1 marca;

tinta azul-preta: nº 29, 34, 35, 36, 37, 40 = 6 marcas.

2.2. traço vertical duplo,

lápiz preto: nº 32, 33, 41 = 3 marcas;

lápiz vermelho: nº 13, 18 = 2 marcas;

lápiz azul: nº 14, 22, 24 = 3 marcas;

tinta azul-preta: nº 38, 41 = 2 marcas.

2.3. traço horizontal simples,

lápiz vermelho: nº 19 = 1 marca.

2.4. um "X",

lápiz preto: nº 27, 41, 43, 46, 53, 55, 57 = 7 marcas;

lápiz vermelho: nº 19, 21, 25 = 3 marcas;

lápiz azul: nº 22, 23, 24, 26 = 4 marcas;

tinta azul-preta: nº 28, 29, 34, 37, 38 = 5 marcas.

- 2.5. colchete “}”,
 lápis preto: nº 42 = 1 marca.
- 2.6. asterisco “*”,
 lápis preto: nº 42 = 1 marca.
- 2.7. ponto de exclamação,
 lápis preto: nº 4 = 1 marca.
 lápis vermelho: nº 17 = 1 marca.
- 2.8. ponto de interrogação,
 lápis preto: nº 10 = 1 marca.
 tinta azul-preta: nº 56 = 1 marca.
3. Palavra(s) anotada(s) à margem,
 lápis preto: nº 3, 10, 31, 42 = 4 ocorrências.

As marcas

[1] [*A TERRA. Preliminares*, p. 6]

D'alli descem, acachoadantes, para o levante, tombando em catadupas ou saltando *travessões* sucessivos, todos os rios que do Jequitinhonha ao Doce procuram os terraços inferiores do planalto arrimados à serra dos Aymorés; e volvem águas remansadas para o poente os que se destinam à bacia de captação do S. Francisco, \\
 em cujo valle, depois de percorridas ao sul as interessantes formações calcareas do rio das Velhas, salpintadas de lagos, solapadas de sumidouros e ribeirões subterraneos, \\
 onde se abrem as cavernas do homem prehistorico de Lund, se accentuam outras transições na contextura superficial do solo.

[sublinhado, lápis preto + traço vertical, lápis preto]

[2] [*Preliminares*, p. 7]

A serra do Grão Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro especimen dessas esplendidas chapadas imitando cordilheiras, que tanto perturbam aos geographos descuidados; e as demais que a convizinham, \\
da do Cabral \\
 mais proxima, à da Matta da Corda alongando-se para Goyaz, modelam-se de maneira identica.

[sublinhado, lápis preto + traço vertical, lápis preto]

[3] [*Do alto de Monte-Santo*, p. 24]

Nada mais dos bellos effeitos das denudações lentas, no remodelar os pendores, no desapertar os horizontes e no desatar \\
 amplísimos – os *geraes* pelo teso das cordilheiras, dando aos quadros naturaes a encantadora grandeza de perspectivas em

que o ceu e a terra se fundem em diffusão longinqua e surprehendedora de côres... \\\

[traço vertical, lápis preto + palavra à margem: "gerais", lápis preto]

[4] [*O joazeiro*, p. 43. Os mandacarús]

Aprumam-se tesos triumphalmente, enquanto por toda a banda a flora se deprime. O olhar perturbado pelo acomodar-se à contemplação penosa dos acervos de ramalhos extorcidos, descança e rectifica-se percorrendo os seus caules direitos e correctos.

[traço vertical, lápis preto + ponto de exclamação, lápis preto]

[5] [*O joazeiro*, p. 44. *A sylvia horrida*, de Martius]

Compreende-se, então, a verdade da phrase paradoxal de Aug. de Saint-Hilaire: "Ha, alli, toda a melancolia dos invernos, com um sol ardente e os ardores do verão!"

[traço vertical, lápis preto]

[6] [*O HOMEM. Gênese dos jagunços*, p. 93. A bacia do Rio São Francisco]

Estreita-se depois passando na parte mediana pela passagem formosissima dos geraes.

[sublinhado, lápis vermelho + traço vertical, lápis vermelho]

[7] [*O vaqueiro*, p. 98. Os sertanejos]

Crearam-se numa sociedade revolta e aventureira, sobre a terra farta; e tiveram, ampliando os seus attributos ancestraes, uma rude escola de força e de coragem naquelles \\\ geraes amplissimos, \\\ onde ainda hoje ruge impune o jaguar e vagueia a êma velocissima, ou nas serranias de flancos despedaçados pela mineração superficial, quando as lavras bahianas, mais tarde, lhes deram esse derivativo à faina dos rodeios.

[sublinhado, lápis verde + traço vertical, lápis verde]

[8] [*Uma raça forte*, p. 111. Contraste entre a mestiçagem dos sertões e a do litoral]

O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio physico, que ao envez de deprimir enrija o seu organismo potente, reflecte, na indole e nos costumes, das outras

raças formadoras apenas aquelles attributos mais ajustaveis à sua phase social incipiente.

[sublinhado, lápis preto]

[9] [*O vaqueiro*, p. 119]

A sella da montaria, feita por elle mesmo, imita o lombilho rio-grandense, mas é mais curta e cavada, sem os apetrechos luxuosos daquelle.

[sublinhado, lápis vermelho]

[10] [*O vaqueiro*, p. 119]

Apenas, de longe em longe, nas raras *encamisadas*, em que aos descantes da viola o matuto deslembra as horas fatigadas, \\\ surge uma novidade – um collete vistoso de pelle de gato do matto ou de sussuarana, com o pello mosqueado virado para fóra, ou uma bromelia rubra e álacre fincada no chapéu de couro. \\\

[sublinhado, lápis preto + traço vertical, lápis vermelho + ponto de interrogação, lápis preto + palavra à margem: “(êrro)”, lápis preto]

[11] [*Servidão inconsciente*, p. 122]

Graças a um contracto pelo qual percebem certa percentagem dos productos, alli ficam, *anonymos* – nascendo, vivendo e morrendo na mesma quadra de terra – perdidos nos *arrastadores* e mocambos; e cuidando, a vida inteira, fielmente, dos rebanhos que lhes não pertencem.

[sublinhado, lápis vermelho + traço vertical, lápis vermelho]

[12] [*Servidão inconsciente*, p. 122]

\\ Envoltos, então, no traje caracteristico, os sertanejos encourados erguem a choupana de pau a pique à borda das cacimbas, rapidamente, como se armassem tendas; \\ e entregam-se, abnegados, à servidão que não avaliam.

[sublinhado, lápis preto + traço vertical, lápis vermelho]

[13] [*Servidão inconsciente*, p. 123]

Ferrado o boi, está garantido. Pode romper tranqueiras e tresmalhar-se. \\ Leva, indelevel, a indicação que o reporá na *solta* (*) primitiva. \\

(*) Pastagens sem cerca, às vezes muito afastadas dos sítios. Têm o nome particular de *logrador* quando, mais próximas, estão em logares aprazíveis.

[sublinhado, lápis vermelho + traço vertical duplo, lápis vermelho]

[14] [*Servidão inconsciente*, p. 123, do vaqueiro]

Deste modo, quando surge no seu *logrador* um animal alheio, cuja marca conhece, o restitue de prompto.

[sublinhado, lápis azul + traço vertical duplo, lápis azul]

[15] [*Servidão inconsciente*, p. 123. O a b c, ou seja, a arte dos ferros, sinais de todos os feitos, ou letras]

Succede muitas vezes ser decifrada, afinal, uma marca sómente depois de muitos annos, e o criador feliz receber, ao envez da peça unica que lhe fugira e da qual se deslembrra, numa ponta de gado, todos os productos della.

[sublinhado, lápis preto]

[16] [*Servidão inconsciente*, p. 124]

Não existe no norte uma industria pastoril. \ \ O gado vive e multiplica-se à gandaia. Ferrados em Junho, os garrotes novos perdem-se nas caatingas, com o resto das malhadas. Alli os rareiam epizootias intensas, em que se sobrelevam o *rengue* e o *mal triste*. \ \

[sublinhado, lápis vermelho + traço vertical, lápis vermelho]

[17] [*Servidão inconsciente*, p. 125. Solidariedade dos vaqueiros]

Se foge a algum um boi levantadiço, toma da *guiada* (*) põe pernas ao campeão, e eil-o escanchado no rastro, jogado pelas verdadeiras tiradas a facão. \ \ Se não póde levar avante a empreza, *pede campo*, phrase característica daquella cavallaria rustica, aos companheiros mais vizinhos, \ \ e lá seguem todos, aos dez, aos vinte, rapidos, ruidosos, amigos - *campeando*, voando pelos tombadores e esquadrinhando as caatingas até que o bruto, *desautorizado*, *dê a venta* no termo da corrida, ou tombe, de rijo, mancornado às mãos possantes que se lhe aferram aos chifres.

(*) Nome dado aos ferrão alongado, aguilhada.

[traço vertical, lápis vermelho + ponto de exclamação, lápis vermelho]

[18] [*A vaquejada*, p. 125]

\\ Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na *vaquejada*, trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas convizinhas, \\ que por alli vivem em commum, de mistura, em um compascuo unico e enorme, sem cercas e sem vallos.

[traço vertical duplo, lápis vermelho]

[19] [*A vaquejada*, p. 125]

Realisam-na de *Junho a Julho*.

[sublinhado, lápis vermelho + à margem, um "X", lápis vermelho + traço horizontal, lápis vermelho]

[20] [*A vaquejada*, p. 125]

Escolhido um logar mais ou menos central, as mais das vezes uma varzea complanada e limpa, o rodeador, congrega-se a vaqueirama das vizinhanças.

[sublinhado, lápis vermelho + sublinhado, traço duplo, lápis vermelho]

[21] [*A vaquejada*, p. 125]

E para logo, irradiantes pela superficie da arena, arremettem com as caatingas que a envolvem os encourados athleticos.

[sublinhado, lápis vermelho + à margem, um "X", lápis vermelho]

[22] [*A vaquejada*, p. 126]

O quadro tem a movimentação selvagem e assombrosa de uma corrida de tartaros.

[à margem, um "X", lápis azul + traço vertical duplo, lápis azul]

[23] [*Estouro da boiada*, p. 129]

E sobre este tumulto, arrodando-o, ou arremessando-se impetuoso na esteira de destroços, que deixa após si aquella avalanche viva, largado numa disparada estupenda sobre barrancas, e vallos, e cerros, e gahadas \\ – enristado o ferrão, redeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o *lombilho*, preso às crinas do cavallo – o vaqueiro!

[sublinhado, lápis azul + à margem, um "X", lápis azul]

[24] [*Tradições*, p. 130]

Seguem para as villas se por lá se fazem festas de cavalhadas e mouramas, divertimentos anachronicos que os povoados sertanejos \\ reproduzem, intactos, com os mesmos programmas de ha tres seculos. E entre elles a exotica *encamisada*, que é o mais curioso exemplo de aferro às mais remotas tradições.

[à margem, um "X", lápis azul + traço duplo, lápis azul]

[25] [*Desafios*, p. 132. Os vaqueiros]

Alguns, de anno em anno, arrancam dos pousos tranquillos para remotas paragens. \\ Transpõem o S. Francisco; mergulham nos geraes enormes do occidente, \\ vastos planaltos indefinidos em que se confundem as bacias daquelle e do Tocantins em alagados de onde partem os rios indifferentemente para o levante e para o poente; e penetram em Goyaz, ou, avantajando-se mais para o norte, as serras do Piauhy.

[sublinhado, lápis vermelho + à margem, um "X", lápis vermelho]

[26] [*Desafios*, p. 132. Romaria dos *bahianos*]

Dentro da armadura de couro, galhardos, brandindo a *guiada*, \\ sobre os cavallos ariscos, entram naquelles villarejos com um desgarre atrevido de triumphadores felizes.

[sublinhado, lápis azul + à margem, um "X", lápis azul]

[27] [*Antecedentes de familia. Os Macieis*, p. 153]

"Os Macieis que formavam, nos sertões entre Quixeramobim e Tamboril, uma familia numerosa de homens validos, ageis, intelligentes e bravos, \\ vivendo de vaqueirice e pequena criação, \\ vieram, pela lei fatal dos tempos, a fazer parte dos grandes fastos criminaes do Ceará, em uma guerra de familia."

[sublinhado, lápis preto + à margem, um "X", lápis preto]

[28] [*Canudos. Aspecto original*, p. 185]

Por fim as armas – a mesma reviviscencia de estadios remotos: o facão *jacaré*, de folha larga e forte; a *parnahyba* dos cangaceiros, longa como uma espada; o ferrão ou *guiada*, de tres metros de comprido, sem a elegancia das lanças, reproduzindo os piques antigos; \\ os cacetes ocos e cheios pela metade de chumbo, pesados como montantes, \\, as béstas e as espingardas.

[sublinhado, tinta azul-preta + à margem, um "X", tinta azul-preta]

[29] [*Canudos. Aspecto original*, p. 186. Espingardas]

Entre estas ultimas, gradações completas, desde a de cano fino, carregada com escumilha, até à "legítima de Braga", cevada com chumbo grosso, ao trabuco brutal ao modo de uma colubrina portatil, capaz de arremessar calhaos e pontas de chifre, \\ à lazzarina ligeira, ou ao bacamarte de bocca de sino. \\

[sublinhado, tinta azul-preta + à margem, um "X", tinta azul-preta + traço vertical, tinta azul-preta]

[30] [*A LUTA. Psicologia do soldado brasileiro*, p. 322. Expedição Moreira César, em marcha para Canudos]

O bello firmamento dos sertões arqueava-se sobre a terra - irisado - passando em transições suavíssimas do zenith azul à purpura deslumbrante do oriente.

[sublinhado, tinta azul-preta]

[31] [*Saque antes do triunfo*, p. 337. Os soldados, dispersos dentro de Canudos, expugnando as casas]

A um canto os bogós transudantes, tumidos de agua crystallina e fresca.

[sublinhado, lápis preto + palavra à margem: "bogós", lápis preto]

[32] [*Um tropear de barbaros*, p. 368. Depois da derrota da expedição Moreira César, bandos, em vários pontos do país, tentam solapar as instituições da República.]

Em Minas, um quadrilheiro desempenado, João Brandão, destroçava escoltas e embrenhava-se no alto sertão do S. Francisco, tangendo cargueiros ajougados de espingardas.

[sublinhado, lápis preto + traço vertical duplo, lápis preto]

[33] [*Crítica*, p. 379, ao plano de campanha da Quarta Expedição]

Além disto, attestam-no os nossos admiráveis patricios dos sertões, \\ aquella vestidura bizarra, capaz, em que pese ao seu rude material, de se affeição aos talhos de uma plastica elegante, parece que robustece e enrija. É um mediador de primeira ordem ante as intemperies. Attenua o calor no estio, attenua o frio no inverno; \\ amortece as mais repentinas variações de temperatura; normalisa a economia physiologica, e produz athletas.

[sublinhado, lápis preto + traço vertical duplo, lápis preto]

[34] [*Pelas estradas. Os feridos*, p. 481]

Não raro, alguns bois – rebutalhos de manadas grandes tresmalhadas pelo alvoroço da guerra – ao lobrigarem, de longe, a azafama que movimentava de novo a paragem a que se haviam aquerenciado, o rancho tranqüillo onde tinham soffrido a primeira *ferra*, para lá abalavam velozmente. Vinham urrando, numa alegria ruidosa e forte. Buscavam o vaqueiro amigo que os campeara outr’ora e iria, de novo, ao som das cantigas conhecidas ou ao toar tristonho do *aboiado*, leval-os às *soltas* predilectas, aos *logradouros* fartos e às aguadas frescas.

[à margem: traço vertical, tinta azul-preta + um “X”, tinta azul-preta]

[35] [*Pelas estradas. Os feridos*, p. 483]

E como as arvores recrestadas e nuas que, à vinda das primeiras chuvas, se cobrem, exuberando seiva, de flores, sem esperar pelas folhas, transmudando em poucos dias aquelles desertos em prados – \\\ as aves que tombam mortas dos ares estagnados, \\\ a fauna resistente das caatingas que se anniquila, e o homem que succumbe à insolação fulminante, parecem, jazendo largo tempo intactos, sem que os vermes lhes alterem os tecidos, esperar também pela volta das quadras bemfazejas.

[sublinhado, tinta azul-preta + traço vertical, tinta azul-preta]

[36] [*O marechal Bittencourt*, p. 505]

Quem delle se abeirasse, buscando alentos de uma intuição feliz ou um traço varonil, sulcando a situação emocionante e grave, que até lá o arrastava, topava, surpreso, a esterilidade de uns conceitos triviaes, longas frivolidades cruelmente enfadonhas sobre paradas de tropas, interminaveis minucias sobre distribuição de generos e remontas de cavalladas – \\\ como se este mundo todo fosse uma immensa Casa da Ordem, e a Historia uma variante da escripturação dos sargentos.

[sublinhado, tinta azul-preta + traço vertical, tinta azul-preta]

[37] [*Colaboradores prosaicos demais*, p. 509. Comboios de muare organizados pelo marechal Bittencourt]

Mil burros mansos valiam na emergencia por dez mil heroes.

[sublinhado, tinta azul-preta + à margem: traço vertical, tinta azul-preta + um “X”, tinta azul-preta]

[38] [*Colaboradores prosaicos demais*, p. 509]

O mais calumniado dos animaes ia assentar, dominadoramênte, as patas entaloadas em cima de uma crise, e esmagal-a...

[à margem: traço vertical duplo, tinta azul-preta + um "X", tinta azul-preta]

[39] [*Fuzilaria*, p. 513. O canhão Withworth 32 arrebenta o campanario da igreja de Canudos]

Mas, tirante este incidente, fôra perdida a jornada: quebrara-se uma peça do aparelho obturador do canhão fazendo-o emmudecer para sempre.

[sublinhado, lápis preto e tinta azul-preta, superpostos]

[40] [*Nova fase da luta. Na estrada de Monte-Santo*, p. 525]

Um sitio meio destruido, duas casas em abandono immersas na \\ galhada fina do alecrim dos tableiros \\, de onde irrompiam cereus esguios e melancholicos.

[sublinhado, tinta azul-preta + traço vertical, tinta azul-preta]

[41] [*Estrada de Calumby*, p. 535. Larga camada calcárea, aspérrima, de travessia muito difficil]

Corroeram-na, e perfuraram-na, e minaram-na as chuvas acidas das tempestades, depois das seccas demoradas.

[sublinhado, lápis preto + à margem: traço vertical duplo, lápis preto e tinta azul-preta, superpostos + um "X", lápis preto]

[42] [*Rebate falso*, p. 541. Os soldados aguardam um suposto assalto dos jagunços]

A brigada apparecia como uma longa esteira, revolta e coruscante, na \\ onda luminosa do luar \\ tranquilo e grande, que abrangia a natureza adormecida e quieta.

[sublinhado, lápis preto + barras duplas no texto + à margem: colchete "]" + as palavras: "onda do luar", "adjetivos" + asterisco "*" - tudo com lápis preto]

[43] [*Canudos*, p. 546. No acampamento dos soldados]

Na pharmacia militar, estudantes em férias forçadas riam ruidosamente e recitavam versos; e pelas paredes ralas de todas as choupanas ridentes, de folhagens pintalgadas de \\ flores murchas de

joazeiros, \ \ transudavam vozes e risos dos que lá dentro não tinham temores, que lhes agourentassem as horas ligeiras e tranquiilas.
[sublinhado, lápis preto + à margem, um "X", lápis preto]

[44] [*Canudos*, p. 547]

Os soldados do 5º de policia, mau grado o illusorio abrigo dos espaldões de terra, que os acobertavam, matavam o tempo, em descantes mitigando saudades dos rincões do S. Francisco.
[sublinhado, lápis verde]

[45] [*O charlatanismo da coragem*, p. 548. Os veteranos narram episódios do cotidiano da guerra]

As lides afanosas das caçadas aos cabritos ariscos ou das co-lheitas de fructos avellados nos arbustos mortos.
[sublinhado, lápis preto]

[46] [*Complemento do assédio*, p. 554]

O jagunço ficava collado – indomavel – na escarpa opposta do parapeito, vigilante, \ \ tenteando a pontaria.
[sublinhado, lápis preto + à margem, um "X", lápis preto]

[47] [*Últimos dias. O estrebuchar dos vencidos*, p. 560. Vultos dos jagunços nos escombros da igreja nova]

Tombavam-lhes logo em cima, revessadas de todos os trechos artilhados, lanternetas desabrolhando em balas.
[sublinhado, lápis preto]

[48] [*Os prisioneiros*, p. 563. Um deles]

Forte, de estatura meã e entroncada – specimen sem falhas desses hercules das feiras sertanejas, de ossatura de ferro articulando em junctas nodosas e apontando em apophyses rigidas – era, tudo o revelava, um luctador de primeira linha, talvez um dos guerrilheiros acrobatas que se dependuravam ageis nos dentilhões abalados da igreja nova.
[sublinhado, lápis preto]

[49] [*Os prisioneiros*, p. 563. O mesmo]

Pendia-lhe à cintura, oscillante, batendo abaixo do joelho, a baihna vasia de uma faca de arrasto.
[sublinhado, lápis preto]

[50] [*Os prisioneiros*, p. 563. Suprema petulância]
Tirou o largo chapéu de couro e, ingenuamente, fez menção de sentar-se.
[sublinhado, lápis preto]

[51] [*Depoimento do autor*, p. 566. Antes de degolar os jagunços, os soldados exigiam deles vivas à República]
Ou substituíam essa irrisão dolorosa pelo chasquear franco e insultoso de allusões crueis, num côro hílar e bruto de facecias pungentes.
[sublinhado, lápis preto]

[52] [*Depoimento do autor*, p. 566. Alguns exemplos de altanería dos prisioneiros: Um negro]
Era espigado e secco.
[sublinhado, lápis preto]

[53] [*Depoimento do autor*, p. 567. O mesmo prisioneiro]
O passo claudicante e infirme, a cabeça \\lanzuda, \\a cara exigua, um nariz chato sobre lábios grossos, entrearbertos pelos dentes obliquos e saltados, os olhos pequeninos, luzindo vivamente dentro das orbitas profundas, os longos braços desnudos, oscillando – davam-lhe a apparencia rebarbativa de um orango valetudinário.
[sublinhado, lápis preto + à margem, um “X”, lápis preto]

[54] [*Titães contra moribundos*, p. 573. Ataque, de moto-proprio, de dois batalhões recém-chegados, que não queriam voltar “sem o rendado precioso das batalhas”.]
Porque havia, de feito, algo de dolorosamente insolente e irritante no afogo, na inquietação, na ancia desapoderada, com que aquelles bravos militares – robustos, bem fardados, bem nutridos, bem armados, bem dispostos – procuravam morcegar a organização desfibrada de adversarios que desviviam ha tres mezes, famintos, baleados, queimados, desangrados gotta a gotta, e as forças perdidas, e os animos frouxos, e as esperanças mortas, succumbindo dia a dia num exgottamento absoluto.
[sublinhado, lápis preto]

[55] [*Passeio dentro de Canudos*, p. 582, ruínas, escombros, entulhos]

A soldadesca varejando as casas puzera fóra, às portas, entupindo os beccos em monturos, toda a ciscalhagem de trastes em

pedaços, de envolta com a farragem de molambos inclassificáveis: pequenos bahús de cedro; bancos e giráos grosseiros; rêdes em fiapos; berços de cipó e balaies de taquara; jacás sem fundo; roupas de algodão, de cor indefinível; vasilhames amassados, de ferro; caqueiradas de pratos, e chicharas, e garrafas; oratorios de todos os feitios; \\ bruacas de couro \\ crú; alpercatas imprestáveis; candieiros amolgados, de azeite; canos estrondados, de trabucos; lascas de ferrões ou fueiros; caxerenguengues rombos...

[sublinhado, lápis preto + à margem, um "X", lápis preto]

[56] [*Passeio dentro de Canudos*, p. 586]

Deparavam-se novos viventes: gôsos magríssimos, famelicos lebrêos, pellados, esvurmendo lepra, farejando e respigando aquelles monturos, numa ancia de chacaes, devorando talvez os proprios donos.

[sublinhado, tinta azul-preta + à margem, ponto de interrogação, tinta azul-preta]

[57] [*Passeio dentro de Canudos*, p. 586]

Podia attingir-se directamente o acampamento seguindo em frente, transpondo o vallo, subindo e atravessando, à meia encosta, a bateria de Krupps emparcada ao fundo do quartel general da 1.^a columna; ou, num desvio longo, volvendo à direita, acompanhando o vallo, perlongando a linha primitiva do assedio, descendo para o sul.

[sublinhado, lápis preto + à margem, um "X", lápis preto + traço vertical, lápis preto]

[58] [*A dynamite*, p. 597, resposta ao adversário que não se resignava]

A demais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade.

[sublinhado, tinta azul-preta]

[59] [*A dynamite*, p. 597]

Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça.

[sublinhado, tinta azul-preta].